

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**O Banquete do Faisão para Cavaleiros, Nobres e Outros Cristãos:
Discurso e Espaço de Poder nas *Mémoires* de Olivier de La Marche (1454)**

Mariano de Azevedo Júnior *

Resumo

Este artigo analisa o Banquete do Faisão – festa dada pela corte da Borgonha – como um “espaço de poder”. Este se define a partir da ação discursiva que, ao revelar aspectos do imaginário de uma dada sociedade, constitui uma espacialidade que justifica uma causa e faz parte da elaboração do próprio poder. No caso, analisaremos os relatos de cavalaria presentes na narrativa de Olivier de La Marche como a ação discursiva espacializante que fez do Banquete do Faisão um lugar para o duque Filipe *O Bom* e o seu desejo de cruzada. A idéia fundamental é buscar nas crônicas analisadas os discursos que espacializam e constitui um lugar que passa a ser habitado na memória e transmitido à história.

Palavras-chave: Banquete do Faisão; Corte da Borgonha; Espaço de Poder.

Resumé

Cet article est une analyse sur le Banquet du Faisan – donné pour la court de Bourgogne – comme un “espace du pouvoir”. Ceci se définit avec l’action discursive qui, en révélant des aspects des imaginaires d’une donnée société, constitue un espace qui justifie une cause et fait partie de l’élaboration du pouvoir. Dans le cas, nous allons analyser les récits de chevalerie dans les narratives d’Olivier de La Marche comme l’action discursive qui créa des espaces que font du Banquet du Faisan un lieu pour le duc Filipe *Le Bon* et son désir de croisade. L’idée fondamentale est de rechercher dans les chroniques analysées les discours des espaces qui passent à habiter dans la mémoire et transmettre à l’histoire.

Mots-clé: Banquet du Faisan; Court de Bourgogne; Espace du Pouvoir.

Aqui começa a ordenação do banquete do mui alto e mui poderoso príncipe Filipe, pela Graça de Deus duque de Borgonha, de Brabant, dado na vila de Lille em dezessete de fevereiro de 1453. (LA MARCHE, 1995: 1135)

Assim Olivier de La Marche ¹ iniciou a descrição do Banquete do Faisão dado pela corte da Borgonha durante o governo do duque Filipe III de Valois, *O Bom*, em 1454. ² A festividade tornou-se a mais famosa daquela corte e a proposta deste trabalho é de analisá-la como um espaço inventado pelo discurso. Com “relatos de cavalaria”, La Marche anunciou tudo aquilo que está caracterizado na história da corte dos príncipes Valois: o luxo e a suntuosidade. Designado a descrever as cerimônias cortesãs, o *maitre d’hôtel* tem a função de

* Aluno do mestrado em história e espaços pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

¹ Olivier de La Marche foi cronista da corte da Borgonha durante os governos de Filipe *O Bom* (1419-1467) e Carlos *O Temerário* (1467-1477). Tornou-se funcionário da realeza borgonhesa no ano de 1435, quando assumiu a sua função de *maitre d’hôtel*. Trabalhou ao lado de importantes cronistas oficiais como Georges Chastellain e Jean Molinet.

² O ano de 1453, da forma como La Marche mencionou na citação que utilizamos para iniciar o texto, na época estava considerando a Páscoa do calendário judeu. Para nós, o ano se converte no de 1454.

narrar as verdades do príncipe e da nobreza que se liga a ele. Por essa razão é que essas crônicas não podem ser vistas apenas como anunciadoras de um passado descoberto pela história, mas é preciso que se perceba também como esse passado foi transmitido, quais os seus usos e quais as suas intenções de existir.

Olivier de La Marche não foi cronista oficial da corte de Filipe *O Bom*. Este cargo, criado pelo duque com o nome de *indiciaire*, pertencia na época à Georges Chastellain, de quem o próprio La Marche disse ser admirador. Tido como o “historiador” da corte, Chastellain se ocupava da história oficial da dinastia, lançando-se nas grandes tramas políticas, enquanto La Marche se voltava mais para dentro. Era das festas e cerimônias que ele mais se ocupava. Talvez tenha sido por isso que seus escritos se tornaram referência para os estudos que buscaram notar as características principais da corte borgonhesa: o luxo, a pompa, a grandiosidade, a etiqueta e a *courtoisie*.

Os espaços de dentro muitas vezes explicam o que acontece do lado de fora. A “grandeza” que se cria internamente legitima e impulsiona as ações ousadas que faz a história dos grandes homens e seus feitos. Certamente a política expansionista da Borgonha não teria sido tão majestosa se a própria corte não tivesse se visto assim. Com isso justificamos a escolha em trabalhar com os escritos de um cronista como La Marche: porque analisaremos os bastidores dessa política de grandezas para ver como um príncipe famoso e a sua gloriosa corte foram construídos e lançados na história.

1 - Os espaços de poder na fronteira do Renascimento

A idéia de um “espaço de poder” é orientada pela relação discurso e espaço. Michel Foucault (1979), em uma discussão acerca da aproximação da geografia com a sua arqueologia do saber, tratou os espaços geográficos como “metáforas espaciais”. Segundo o autor, estes não são nada mais do que “discursos espacializantes”. Representações geográficas legitimadas por um discurso. (Cf. FOUCAULT, 1979, pp. 156-159)

Embora estivesse discutindo as concepções físicas dos espaços, as análises do autor são sugestivas para que possamos pensar também as representações espaciais presentes na prática discursiva. O Banquete do Faisão, nesse sentido, teria sido uma dessas representações, um desses lugares feitos na medida certa para a nobreza.

O jogo de significados produzido na ação discursiva é capaz de criar um espaço de poder à medida que são revelados aspectos do imaginário social de uma época. No Banquete do Faisão, esses significados diziam respeito aos valores do cristianismo, cosmologia tanto da

alta nobreza como do homem comum. A festa borgonhesa tinha um motivo especial para acontecer, embora estivesse dividida entre a causa coletiva da sociedade e os anseios individuais do príncipe.

Em fevereiro de 1454, pesava sobre a Cristandade ocidental a tomada de Constantinopla pelos turcos, ocorrida um pouco antes, em 1453. Com isso é revelado o motivo da festa dada pela corte de Filipe *O Bom*: anunciar um desejo de cruzada. Além desta causa coletiva, existe a causa individual presente nas intenções do Banquete: a propaganda principesca. Segundo Huizinga (1978), essa “propaganda” estava ligada à formação de uma consciência individual do príncipe. Tomando as idéias de Jacob Burckhardt (1860), enxergou um momento de ruptura entre a Idade Média e a Idade Moderna marcada pelo Renascimento. Com a transição de um período para o outro houve também a mudança da concepção de “homem medieval” para “homem renascentista”. Enquanto o primeiro se definia por sua “natureza coletiva”, o segundo é identificado pelo desejo de glória individual. (HUIZINGA, 1978, p.65)

Filipe *O Bom* é exemplar para concordarmos com Huizinga. Segundo importantes historiadores, ele foi o duque promotor da corte mais faustosa, o que mais ostentou poder e o que mais desejou a glória. O seu próprio sonho de cruzada teria sido, segundo Joseph Calmette (2001), um reflexo do desejo de vingança pelo assassinato do seu pai, João Sem Medo, em Montereau no ano de 1419. As probabilidades do crime ter sido encomendado pelo rei da França teria feito com que Filipe intensificasse as rivalidades com o então rei, Luís XI, na busca por uma glória que superasse a própria coroa francesa. (CALMETTE, 2001, p. 162)

O curioso é que esses sonhos principescos e a própria propaganda se fundamentou nas narrativas dos cronistas que prezou acima de tudo pelos valores medievais da cavalaria. Desse modo há uma contingência ao invés da ruptura total entre o medievo e a Renascença. Associar os feitos políticos às aventuras heróicas e cavaleirescas era a forma mais eficaz que os cronistas possuíam de contar a história do seu tempo supostamente confuso diante de valores velhos e novos que se misturavam como o romance de cavalaria, a devoção religiosa e o “*espírito do Renascimento próximo*”. (HUIZINGA, 1978, p.68)

Esse aspecto cavaleiresco das narrativas cortesãs são as revelações de parte do imaginário social do século XV borgonhês. O tempo todo ele foi incorporado nas ações do príncipe, na decoração da festa, na manipulação dos valores e ideais que motivaram a elaboração do próprio Banquete. No tópico seguinte veremos de que forma La Marche transformou a sua narrativa em um espaço próprio da cavalaria.

2 – Os relatos de cavalaria e a espacialização do Banquete na narrativa de La Marche

O discurso da cavalaria em nenhum momento esteve ausente. Logo na abertura da festividade La Marche é pontual ao dizer que uma justa de cavaleiros inaugurou a festa. Essa justa teria sido anunciada dezoito dias antes da ocasião do Banquete, em um outro organizado pelo senhor de Ravestain, Adolph de Clèves. (LA MARCHE, 1995: 1135) O próprio, alcunhado de “O Cavaleiro do Cisne”, simbolizando a sua Casa, teria desafiado uma série de cavaleiros jovens vindos de outras terras que se inscreveram na competição para atestarem sua nobreza. (*Ibidem.* p.1137)

Muito mais preocupado em descrever a pompa cavaleiresca presente nos participantes da competição do que relatar os combates, o cronista borgonhês encerra seus relatos sobre a justa afirmando apenas que o senhor de Clèves, coberto de luxo, com um cavalo que esbanjava elegância, terminou em uma situação embaraçosa ao se “esfarrapar” rudemente com um cavaleiro chamado Luís de Chevallart, de modo que ambos foram desarmados e seus corpos desmontados dos seus próprios cavalos. (*Ibidem.* p.1139)

Rapidamente La Marche nos leva para o salão onde estava servido o banquete. Mesas de sobremesas eram cercadas por nobres, cavaleiros, burgueses ligados à corte e por uma série de damas que embelezavam o ambiente. As sobremesas e pratos são descritos um a um para que ficasse constatado o refinamento de toda a festa. A decoração dos pratos, em certa medida, representava as lutas do bem contra o mal que revelavam aos poucos a intenção do banquete. Sem contar que no meio do salão estava uma estátua de uma mulher nua, “coberta, para esconder o que era necessário esconder”, e perto dela tinha um largo pilar, onde um leão vivo se debatia ferozmente em uma jaula de ferro. “Ele era o guardião e defensor da estátua; no pilar, uma frase escrita com letras douradas: ‘Não toques na minha dama’”³. (*Ibidem.* p.1141)

Frequentemente o salão era invadido por encenações que representavam a crise da Cristandade. Entre algumas descritas, a que La Marche mais se ateve aos detalhes foi uma que colocou a Igreja personificada em forma de donzela, clamando pela ajuda dos “bons espíritos” presentes, principalmente a do duque de Borgonha. (*Ibidem.* p.1144-1149) Conta o cronista que as portas do salão onde os nobres estavam reunidos se abriram e a Santa Igreja entrou sendo guiada, com as mãos acorrentadas, por um “gigante com tranças nos cabelos à maneira dos sarracenos de Granada”. Na mão esquerda trazia um grande machado de

³ “Il était le gardien et défenseur de la statue; contre le pilier, une targe sur laquelle était écrit en lettres d’or: ‘Ne touchez pas à ma dame’”.

modelo antigo, com duas lâminas cortantes; e na mão direita conduzia um elefante coberto de seda". ⁴ (*Ibidem*. p.1145)

Quando a Igreja olhou as presenças que se faziam no salão, tomando fôlego e força, "(...) *ela diz ao gigante que a conduz, como se uma necessidade indispensável se impusesse a ela*" ⁵:

Gigante, eu desejo aqui parar,
Pois eu vejo nobre companhia para qual me ponho a falar.
Gigante eu quero parar aqui
Eu mesma quero dizer e mostrar
Algo que deve ser bem dito.
Gigante, eu quero parar aqui
Porque vejo nobre companhia. ⁶ (*Ibidem*. p.1145)

Quando o gigante entendeu o que queria a dama, "*ele a encarou com bastante temor*". Não parou nenhuma vez, como pediu a donzela, e se encaminhou justamente para a mesa do duque. Este ficou-se assombrado com toda a cena, e a Igreja, o encarando, retomou a sua ladainha:

(...) Ai de mim! Ai de mim! Me sinto dolorida, triste, desamparada, esquecida, desolada... Ai de mim! (...)
(...) Diante de ti, duque de quem eu sou amiga... Conceda-me tuas palavras em um bom acordo. Eu te imploro... (...) Ó tu, ó tu nobre duque de Borgonha (...) Escuta-me e pensa a meu respeito. ⁷ (*Ibidem*. pp.1145;1147)

Claramente a Igreja pedia ajuda ao duque. O duque cristão, corajoso e valente que não deveria abandoná-la. Nenhum bom cristão gostava de ver a sua Santa Mãe sofrer e definhando na mão dos "infiéis". Esse é justamente o ápice do drama que envolveu todos os convivas. Porque nesse momento apenas um seleto grupo de homens deveria se empenhar em ajudar a "donzela" em apuros: os cavaleiros.

Durante o governo de Filipe *O Bom* foi fundada a Ordem do Tosão de Ouro (1430). A criação de uma ordem de cavalaria em pleno século XV, segundo Huizinga, tinha a

⁴ "Il tenait à la main gauche une grosse et grande hache à deux tranchants d'un modele ancien, et de la main droit il conduisant un éléphant couvert de soie (...)"

⁵ "(...) elle dita u géant qui la conduisant, comme si une necessite indispensable s'imposait à elle".

⁶ "Géant, je veux ici m'arreter
Car je vois noble compagnie
A laquelle il me faut parler.
Géant je veux ici m'arreter
Je leur veux dire et montrer
Chose qui doit bien être sue.
Géant je veux ici m'arreter
Car je vois noble compagnie"

⁷ "(...) Hélas! Hélas! Que je suis douloureuse, triste, déplaisante, pleine d'ennuis, désolée, hélas! (...) Devant toi, duc dont je suis l'amie. Donne à mes mots bon accord... Je t'en prie (...) Ó toi, ó toi noble duc de Bourgogne (...) Écoute-moi et pense à ma besogne.

conotação de sacralidade pela própria concepção do termo “ordem”, alternando o seu sentido com as ordens religiosas medievais. (HUIZINGA, 1978, pp.83-4) A importância social de ter a sua própria ordem de cavalaria representava para o duque a legitimidade do seu poder. Exibindo valores como honra e glória ele se tornava protagonista dos grandes feitos da época a serem narrados na literatura que, por acaso, ele próprio patrocinava. O que nos remete à idéia já discutida de Burckhardt sobre a definição de “homem renascentista”, marcado pelo anseio de glória individual.

Nos relatos de La Marche, após falar com o duque, a Igreja se dirige justamente aos cavaleiros do Tosão. Chama os cavaleiros que “*portam o Tosão*” a cumprirem o serviço divino. Em seguida, convida os outros cavaleiros e nobres das casas visitantes a se juntarem à missão, que “*era uma bela ocasião de adquirir da honra ao benefício*”⁸. (LA MARCHE, 1995: 1147)

Aos poucos o propósito do banquete ia se configurando para os presentes. Quando terminou a encenação do lamento da Igreja, os oficiais de armas, seguindo o rei-de-armas Tosão de Ouro⁹, entraram no salão. O rei-de-armas trazia em suas mãos um faisão vivo com o pescoço bem ornamentado com um rico colar de ouro e de outras pedras preciosas. (*Ibidem*. p.1148) Seguindo-o, duas damas: Iolanda, filha bastarda do Senhor e duque da Borgonha, e Isabela de Neufchatel, filha do senhor de Montaigu. Elas acompanhavam dois cavaleiros da ordem borgonhesa: Jean de Créquy e Simão de Lalaing. Dando seqüência, o cronista descreve a cena em que o duque é presenteado e homenageado com o faisão, de acordo com as palavras do Tosão de Ouro:

Mui alteza e mui poderoso príncipe, meu muito corajoso senhor, (...) este é um costume antigo que nas grandes festas e nobres assembléias era apresentado aos príncipes, senhores e outros nobres homens um pavão ou um outro pássaro nobre sobre o qual se possa fazer um voto útil e valoroso.¹⁰ (*Ibidem*. p.1148)

Após as palavras pronunciadas, o duque, olhando fixamente para a Igreja, retirou do bolso um bilhete onde continha por escrito o seu voto de defesa da Cristandade. Lendo-o em voz alta, a Igreja, segundo o cronista, comoveu os presentes. Pouco depois de concedida a ajuda do duque à Santa Igreja, o salão é invadido alegremente pela “*Graça de Deus*”. Em

⁸ “(...) voici une belle occasion D’acquérir d’honneur le bénéfice”.

⁹ No caso, se tratava de Jean de Saint-Remy, rei-de-armas da Ordem do Tosão de Ouro.

¹⁰ “Très haut et très puissant prince, mon très redouté seigneur, (...) c’est une coutume ancienne qu’aux grandes fêtes et nobles assemblées, on présent aux princes, seigneurs et nobles hommes un paon ou quelque autre noble oiseau sur lequel on puisse faire un voeu utile et valable”. Sobre o costume antigo mencionado por Saint-Remy do Tosão de Ouro, La Marche faz referência aos costumes do tempo de Alexandre da Macedônia, bastante cultuado nos ritos cavaleirescos borgonheses. Na época de Alexandre, o faisão era a ave nobre escolhida para representar a sacralidade das cerimônias. E assim, o rito foi copiado na corte dos príncipes Valois.

seguida entraram doze cavaleiros, trazendo uma donzela cada um, que representavam doze virtudes a serem apresentadas ao duque para que ele pudesse cumprir a missão que aceitara. Em ordem, cada virtude se apresentou ao senhor da Borgonha, entoando uma canção que era o significado dos seus nomes. Assim, La Marche reproduziu em seus escritos as doze virtudes apresentadas: Fé, Caridade, Justiça, Razão, Prudência, Temperança, Força, Verdade, Generosidade, Diligência, Esperança e Valor. (*Ibidem*. p.1151-1155)

Como uma donzela em apuros a espera de um cavaleiro valente, a Igreja chama pelo duque que sempre teve uma intenção firme, segundo o próprio La Marche, para realizar aquela festividade conforme foi descrita: o desejo de partir em cruzada. Mais ainda, lhe mostra as virtudes das quais se deve dotar para cumprir o ofício divino que aceitou de bom grado.

Jacques Le Goff (2005) certa vez afirmou: “até o fim do século 15, e mesmo depois, falar-se-á ainda muitas vezes de partir em cruzada, mas ninguém mais partirá”. (LE GOFF, 2005, p.68). Podemos discutir a assertiva do medievalista francês no tocante ao desejo de cruzada no século XV. Para Lucien Febvre (2004), senhores dos Países Baixos, aquelas fontes de riqueza e de poder, os príncipes borgonheses não desejavam só a cruzada, mas a coroa real. (FEBVRE, 2004, p.193) Filipe O Bom era, segundo Philippe Wolff (1988), senhor de umas das três França do século XV. No caso, a “França borgonhesa” era a que ia da Borgonha justamente até os Países Baixos. (WOLFF, 1988, pp. 45-6)

Diante de todo esse sonho de glória, o papel das crônicas era justificar a vida pública dos príncipes e afirmar essa condição para os súditos e funcionários da corte. O que sugerimos é que as narrativas cortesãs inventavam os espaços de poder para comportar os desejos dos príncipes. Não se trata aqui de negar a existência de algumas cerimônias presentes nas crônicas e nem diminuir a opulência de outras. Se trata de perceber a construção discursiva que não só afirma, mas faz parte da própria elaboração do poder ducal. O que está se buscando é a manipulação da narrativa feita pelo cronista que busca, através da espacialização do discurso, construir um lugar privilegiado para o príncipe.

Encerraremos este artigo justamente com o momento que La Marche disse ter sido o mais importante: o da anunciação dos votos – *Os Votos do Faisão*.

3 – Os Votos do Faisão e o “Banquete de poder”

Por toda a narrativa sobre o Banquete do Faisão vimos paulatinamente a construção da intenção do duque Filipe em ter organizado com dedicação essa festa para a Cristandade. O seu desfecho é, segundo o cronista, a parte principal da cerimônia. La Marche situa o auge da festividade como o *gran finale* de tudo aquilo que os presentes viram e ouviram no salão borgonhês momentos antes. Ele descreveu o Banquete como se fosse uma novela, preparando a maior surpresa para o capítulo final. Assim, com a ajuda concedida à Igreja, tinha chegado o momento dos nobres e cavaleiros tornarem públicos os seus juramentos. Chegara a hora de colocarem à prova sua fé e as suas virtudes.

Os votos, segundo La Marche, foram pronunciados em ordem hierárquica. O mais longo e mais “emocionante” foi necessariamente o primeiro: o do duque. O seu voto exibiu prontamente a primeira virtude que lhe foi apresentada na cerimônia da “*Graça de Deus*”: a Fé. Com isso, a motivação pessoal em combater os inimigos da Cristandade só aumentaria no seguir das palavras. Depois veio a “devoção vassálica” ao seu soberano, Luís XI, o rei da França. No entanto, logo depois deixou a entender que muitos impedimentos fariam com que o rei não partisse, sendo ele próprio o grande obstinado em defender a causa cristã. (LA MARCHE, 1995: 194) Ficou clara a rivalidade entre o duque da Borgonha e o rei da França, como comentamos anteriormente neste texto. Filipe irá mesmo se o seu rei não for. Ele, o herói da Cristandade, o cavaleiro forte, justo, valente, prudente e valoroso se faz aqui das virtudes que lhe foram sugeridas pelas damas da “*Graça de Deus*”.

Porém, após toda a determinação, uma condição fria: “(...) e irei de boa vontade, deixando o meu senhor e rei, caso os países que Deus me concebeu governar estejam em paz e saudáveis”.¹¹ (LA MARCHE, 1995: 194) Ele iria caso os “seus países” estivessem em paz, o que era praticamente impossível, posto que os príncipes borgonheses nunca tiveram longos tempos de tranquilidade. O revés disto: as rebeliões nas cidades subordinadas eram freqüentes e quando não eram revoltas populares, eram os conflitos exaustivos da Guerra dos Cem Anos entre os reinos de França e Inglaterra que envolveram a Borgonha. Filipe não iria (como de fato não foi), mas precisava do discurso para dar sentido a tudo que havia preparado.

Conforme consta nas *Mémoires*, mais vinte votos foram pronunciados, além do voto do duque. Cavaleiros, nobres e importantes burgueses fizeram seus juramentos. Alguns foram bastante exaltados, dignos de cavaleiros virtuosos; outros condicionados, sem entusiasmo, mas devotos de alguma forma menor. E entre cavaleiros jovens sedentos por uma

¹¹ “(...) pourveu que ce soit du bon plaisir et congé de monsieur le Roy, et que les pais que Dieu m’a commis à gouverner soyent en paix et seureté”.

causa justa e velhos nobres e burgueses que não viam na cruzada mais os bons motivos de antes, se encerrou o Banquete do Faisão com um desejo incerto de cruzada.

Não é nossa meta aqui discutir se a festividade levaria realmente ou não o duque da Borgonha em uma cruzada contra os turcos. O que nos interessa e viemos sustentando desde o início deste texto é que a intenção do Banquete, mesmo diante do desejo de cruzada de Filipe, era em grande medida edificar um espaço na história da corte da Borgonha que comportasse a majestade a ser posta lá dentro: o próprio duque.

Segundo Michel de Certeau (1994), a organização de uma situação histórica através de relatos (entendidos como as próprias ações discursivas) age como designadora dos espaços. Ele nos diz:

Toda descrição é mais que uma fixação, é um ato culturalmente criador. Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços. (CERTEAU, 1994, p.209)

Vemos uma relação direta entre a visão de Certeau e o que é defendido neste artigo. Esses relatos interiores da corte borgonhesa são aspectos do poder ducal. Não são escritos que omitem ou mentem em uma dada circunstância. São narrativas feitas para inventar os lugares a serem ocupados pelas majestades. Intenções bem elaboradas de arrebatar as melhores poltronas da história. Verdades situadas entre o lugar ocupado e o que se deseja ocupar, mas que talvez nunca venha a conseguir fazê-lo. São ações discursivas que dão vida aos espaços que por vezes explicam a história. E são estes que chamamos de “espaços de poder”.

Fontes e referências bibliográficas.

Fontes.

Les Voeux du Faisan. In: BOHLER, Danielle (org.). **Splendeurs de la cour de Bourgogne.** Paris: Editions Robert Laffont, 1995. pp. 1193-1409.

LA MARCHE, Olivier de. **Mémoires d'Olivier de La Marche.** Paris: [s.e.], 1785. 2 volumes. Digitalizado em 1995.

Obras consultadas.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Edições 70: Lisboa, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v.1.

CALMETTE, Joseph. **The Golden Age of Burgundy: the magnificent dukes and their courts**. London: Phoenix Press, 2001.

FEBVRE, Lucien. **A Europa: gênese de uma civilização**. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média**. São Paulo: Verbo – Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.